

O Poder do Soltar

Hélio Couto

Capítulo I

Soltar não é deixar correr ou não fazer nada. É justamente o contrário. O conceito de ação através da não-ação precisa ser muito bem meditado para ser entendido. Já que esse conceito é um sentimento. Intelectualmente pode se pensar que é não fazer nada e esse é o perigo da inação. O soltar é interno, é um desapego interno, filosófico, existencial. É uma visão de mundo completamente antagônica ao apegar-se ao mundo. É estar no mundo, mas não ser do mundo.

E aqui é que começa a questão. Existe uma ciência por trás do soltar. Soltar não é apenas uma filosofia de vida, é a pura Teoria do Caos. É física no mais absoluto sentido. É entender exatamente como funciona o universo.

Na verdade, o termo Caos significa a mais perfeita Ordem. É o equilíbrio do universo. O universo detesta o desequilíbrio. Mais cedo ou mais tarde haverá um evento que retomará o equilíbrio universal. Todos estamos dentro do Caos embora não pareça. Com o aumento da percepção consciencial é possível perceber os padrões do Caos em que estamos envolvidos. O entendimento disso tem uma função extremamente prática na vida. Não é uma coisa abstrata. Todas as decisões que precisamos tomar na vida estão dentro deste conceito. Se as fizermos conscientes disto acertaremos sempre. E evitaremos sofrimentos desnecessários. Essa busca de equilíbrio chama-se auto-organização. O universo é um sistema auto regulador. Ele tem uma homeostase que corrige sempre os desvios que acontecem devido aos seres que habitam o universo. Desta forma o bem-estar geral é garantido sempre.

Quando se fala que uma borboleta bate as asas no Brasil e provoca uma tempestade na Tailândia é a mais pura verdade. A influência pode parecer sutil, mas é extremamente poderosa. Um dos descobridores da Teoria do Caos foi Edward Lorenz, meteorologista, que percebeu o efeito repetitivo da iteração da sua fórmula de modelo climático. Os dados que saem da fórmula podem ser aplicados novamente na mesma fórmula e assim por diante, demonstrando a amplificação do feedback positivo ou negativo. É desta forma que a borboleta influencia tudo. Um pequeno gesto repetido inúmeras vezes. Nunca se deve achar que uma única pessoa não tem poder algum. É justamente o contrário. O poder de uma pessoa é o poder de uma borboleta. A borboleta pode bater as asas e os humanos podem tomar decisões. Essas minúsculas decisões diárias são o bater das asas da borboleta.

A não-ação é a iteração da fórmula de Lorenz. A pessoa está deixando o universo funcionar por si só. Os dados entram outra vez na fórmula e provocam um resultado amplificado. Entram novamente na fórmula e vão exponenciando o resultado. Quando colocamos pressão ou ansiedade estamos querendo usar os resultados da primeira vez que usamos a fórmula. Isso é a pressa, o desespero, a força, a insistência, etc. É preciso deixar os dados entrarem outra

vez na fórmula e assim por diante. Dando tempo ao tempo para que os resultados corretos apareçam. Sem pressa. Esperando o universo chegar no resultado que deve existir. Pode ser que para que uma solução apareça seja preciso aplicar a fórmula dez vezes ou cem vezes. Não há como saber quanto se deve esperar a computação da fórmula para aparecer o resultado. Deve-se soltar a pressa e esperar pacientemente até o fim.

O deixar correr ou não fazer nada é a mesma coisa que não usar a fórmula. É preciso pôr os dados na fórmula e acompanhar o que acontece. Estamos falando de uma fórmula matemática. Não é um conceito metafísico. Quando fazemos nossa parte e soltamos o resultado é a mesma coisa que pôr o computador para funcionar e esperar o resultado. Imagine que sejam necessários trilhões de cálculos; isso levará um tempo e isso é o soltar. Esperar o resultado seja ele qual for. Não podemos manipular o computador para obtermos o que queremos. Temos de esperar. Querer manipular é a pressa, a ansiedade, a pressão, a força, o querer porque quer, etc. Fazemos tudo o que é possível e esperamos o resultado. E continuamos fazendo tudo que podemos dia a dia até o resultado aparecer.

A descoberta da Teoria do Caos foi uma coisa extraordinária e está mudando toda a forma de ver o universo. Suas aplicações ainda estão sendo descobertas. E uma delas é o que estamos descrevendo aqui. Quando fazemos pressão estamos criando um efeito Zenão quântico. Paralisamos a realidade. É como parar o computador. Não se tem resultado algum. Quando soltamos a realidade e deixamos o computador trabalhar teremos o resultado. Seja ele qual for.

Isso pode ser visto facilmente no mundo dos negócios. Quando forçamos um cliente a comprar o produto, quando fazemos mais dívidas para pagar outras dívidas, quando queremos que um negócio dê certo de qualquer forma, sem considerar todas as variáveis envolvidas no negócio. O ter que ganhar, ter que vender, ter que dar certo, ter que conquistar, ter de vencer, etc. é o que causa todo o problema. Nunca se pode por pressão em nada. Simplesmente não funciona. Quanto mais pressão menor o resultado.

Toda a realidade pode mudar apenas dependendo de pequenas decisões de cada pessoa de soltar os resultados. Não se apegar. Se o resultado são 10 ótimo, se são 100 ótimo. Está bom de qualquer forma. Quando se sente assim sempre o resultado será o melhor possível. Quando se quer forçar que seja 100 os problemas aparecerão inevitavelmente. É preciso deixar fluir e entrar no fluxo. O rio corre para o mar. Não é preciso preocupar-se com isso. Um bom dia dado com alegria e boa vontade tem um efeito multiplicador enorme. É um simples gesto que muda uma pessoa, que mudará outra, que mudará outra e ...

Agora vejamos o outro lado da moeda. Caso um vendedor receba uma ordem para prejudicar um cliente, fazendo um mau negócio para o cliente, e ele recusar-se a fazer isso qual é o resultado? Esta atitude de não prejudicar o cliente mudará a forma do cliente ver a vida e os negócios. Este cliente pode fazer a mesma coisa com seus próprios clientes e assim por diante. O efeito

borboleta está criado. Até onde pode chegar esse efeito? Ninguém sabe, mas o potencial é gigantesco. Pode haver uma consequência negativa para o primeiro vendedor que não quis prejudicar? Pode. Mas, alguém tem de dar o primeiro passo. E só há necessidade do primeiro passo. O efeito funciona automaticamente. Mas, a decisão tem de ser tomada conscientemente.

O filme “Decisão de risco”, “Eyes in the sky”, é um perfeito exemplo do poder das decisões individuais.

Capítulo II

A Teoria do Caos é o fundamento científico do budismo e do taoísmo. O Caos governa o universo e faz todos os ajustes necessários para que o equilíbrio permaneça. O Caos faz com que o fluxo seja contínuo às vezes e turbulento outras vezes. O Caos implica tanto no nível micro quanto no macro. O desapego não é uma coisa metafísica. Faz parte da essência do funcionamento do universo. Da mesma forma que não podemos forçar o clima que queremos, também não podemos forçar que um negócio dê certo. Existe uma ordem natural nas coisas. Este é o fluxo que faz as galáxias nascerem e prosperarem. Como também qualquer negócio ou necessidade humana. Se fizermos o que é preciso e deixarmos as coisas acontecerem naturalmente tudo correrá bem.

Quando forçamos as coisas para acontecerem no tempo que o ego quer o problema é criado. Raramente o ego respeitará o fluxo universal. Quando a Iluminação acontece o ego passa a servir o universo e é neste caso que o ego não atrapalha o andamento. A questão aqui é que o tempo do universo não é o tempo humano. Às vezes pode levar anos até o resultado aparecer e isso acontecerá quando não se puser pressão. Como também pode ser no dia seguinte. O parâmetro sempre é não pressionar, não ter ansiedade, não forçar, etc. Acontecerá na hora certa. Isso é sabedoria milenar e toda pessoa que fizer a mesma experiência terá o mesmo resultado. Por isso falam que não dá para ensinar, é preciso vivenciar. Só se pode ensinar a técnica que é soltar.

A modelagem climática é feita com fórmulas matemáticas. Essas fórmulas precisam ser iteradas num computador veloz. O resultado da fórmula entra novamente na fórmula e sucessivamente isso é feito até que o resultado final aparece. O modelo está pronto e é compatível com a realidade observada. Não adianta fazer a computação com menos iterações. É preciso esperar até estar completa. É a mesma coisa com relação à Iluminação espiritual. Entra luz e a pessoa muda um pouco. Entra luz novamente e muda mais um pouco. Novamente isso é feito. Cada vez que entra luz a pessoa já está diferente pela luz que entrou na vez passada. É um efeito cumulativo. E é por isso que funciona. Nunca acontece na primeira vez. É preciso estar preparado para que possa acontecer. No Zen dizem que o mestre bate no discípulo e este se ilumina na hora. A explicação é que o discípulo já estava pronto e só faltava a última informação entrar. É exatamente isso que é o Caos.

O Colapso da função de onda é feito dentro do Caos. Uma única vez fazemos o colapso (a escolha de algo) e então deixamos o tempo passar. Soltamos o resultado. Continuamos trabalhando e estudando até que o resultado apareça, mas sem ansiedade e nem forçar.

Quando se fala que o trabalho criativo é 10% inspiração e 90% transpiração é a mesma coisa que se está falando. Estuda-se o assunto para colocar o máximo

de informação no subconsciente e depois deixamos a incubação ser concluída. Então acontecerá o insight a qualquer momento em que não se esteja ansioso.

O Caos não é falta de ordem e organização. É justamente a organização do universo. É o que mantém tudo funcionando. É a ordem subjacente que não vemos, mas podemos perceber intuitivamente. Tudo no universo está conectado com tudo o mais. As coisas aparentemente caóticas não são assim. Mesmo quando se lança dados num jogo é o Caos que está administrando o jogo. Acontece que o Caos é capaz de administrar qualquer resultado que aconteça. São as infinitas possibilidades. E isso é a beleza e elegância do jogo. Sempre é surpreendente. Essa falta de previsibilidade é que provoca a mudança contínua que é a essência do Caos. A mudança tem de acontecer para que novas informações possam ser adquiridas. Por isso um budista muda a pedra de posição quando passa por ela. Para a pedra foi um efeito caótico que não poderia ser previsto por ela. E assim a pedra ganha novas informações no seu caminho eterno de iluminação.

Quando entendemos isso a visão de mundo muda radicalmente e olhamos o universo de outra forma. Não há mais necessidade de por pressão para conseguir o que se pretende. Há uma ordem e se aquilo for benéfico acontecerá. Neste ponto é preciso entender que o jogo só termina quando acaba. Pondo pressão podemos conseguir algo por algum tempo, mas isso mudará inevitavelmente por causa do Caos, que restabelecerá o equilíbrio. Portanto, forçar não funciona. A história está cheia de exemplos deste tipo de ação que força as coisas contra o fluxo natural. E sempre o rio volta para o mar.

O importante aqui é que seguir o fluxo é o maior poder que existe. Não existe nada mais poderoso do que soltar. Só que é um paradoxo e o ego não consegue entender a lógica disso. Então racionaliza para forçar o acontecimento. Aprender a trabalhar com o Caos provê uma total libertação do paradigma vigente. Isso chama-se transcendência. E a característica disso é a evolução contínua, o crescimento sem parar, a mudança para melhor, a abertura para o novo, a aceitação da realidade, é estar em fluxo com o universo. E o sentimento de fluxo é o maior prazer que pode existir. Quando o foco está 100% no momento presente o fluxo é total e somos inundados pelos neurotransmissores que nos dão a alegria de viver em fluxo. Mais uma vez, só experimentando para saber o que é isso. Quando sentimos um prazer estético como Stendhal sentiu ao visitar Florença, o prazer máximo de contemplar obras de arte sem parar. Essa contemplação da beleza é o Zen. O soltar também dá este sentimento de fluxo cósmico, de unidade com a criação, de ser uno com o universo.

Isto deveria ser o objetivo da vida de todo ser. Conseguir este espírito contemplativo extático. No dia a dia. Trabalhando e sentindo isso. Estudando e sentindo isso. O tempo todo. Todo ser que estiver focado 100% num objetivo sentirá isso. Para sentir isso a pessoa precisa abandonar o sentimento de controle. O universo é pura incerteza em termos pessoais. Viver na incerteza é inevitável. Mas, podemos focar 100% mesmo na incerteza. Podemos colapsar a onda mesmo na incerteza. Desta incerteza é que nasce o Cisne Negro. Os

eventos de criatividade absoluta. Essa criatividade é parte da essência do universo. E ela flui por nós sem cessar. Basta aquietar a mente para percebê-la. O bater das asas da borboleta é criativo porque é extremamente sutil. Parece não influenciar nada, mas este bater das asas provoca um feedback positivo que é realimentado sem cessar. É a iteração da fórmula com o bater das asas, sendo que a informação entra na fórmula vezes sem conta. A exponenciação disso gera a tempestade. E a simples borboleta está apenas focada em voar, mas as consequências do seu voo são inimagináveis.

Capítulo III

Quantas pessoas já pararam para pensar na natureza da realidade? Do que é feito o tecido do espaço/tempo? O que é uma dimensão? Quantas dimensões existem? O que há nestas dimensões? É possível ir de uma dimensão para a outra? Quando a pessoa olha ao redor de si ela percebe que está em apenas uma das dimensões? Percebe que as outras dimensões estão no mesmo local? Em frequências diferentes? Será que percebe que está em várias dimensões ao mesmo tempo?

A resposta para tudo isso está no paradigma vigente. O paradigma da pessoa forçosamente faz com que a heurística (processo de encontrar soluções) da pessoa sempre permaneça no mesmo paradigma. Somente transcendendo o paradigma vigente é possível enxergar as demais realidades ocultas pelo véu do paradigma vigente. É o que se chama de pensamento multidimensional. Avaliar todas as variáveis de um dado problema. Nada é branco ou preto. Existem infinitos tons de cinza e outras cores também.

Existe um paradigma real e outro não-real. Enquanto a pessoa vive no paradigma não-real as soluções são impossíveis. No paradigma real a Teoria do Caos reina. Para fugir do Caos é que criaram o paradigma não-real.

O poder de soltar faz com que a pessoa transcenda o não-real e passe a viver no real. E as vantagens de viver no real são infinitas e valiosas por si sós.

Como se aprende a soltar? Para soltar é preciso querer mudar de paradigma. Sentir que o paradigma não-real é uma prisão para si mesmo. Dizem que perdoar é libertar um prisioneiro e que o prisioneiro é a própria pessoa. Esta é uma grande verdade. A pessoa cresce dentro de um determinado paradigma não-real e acredita que aquilo é tudo o que existe. Quantas vezes a pessoa tem uma intuição ou lampejo de outra realidade e ignora? Ou o que acontece quando a pessoa começa a refletir sobre a intuição que teve? E persiste até entender o que está acontecendo? É uma coisa muito simples fazer isso. Basta pensar, analisar, estudar, investigar, olhar com outros olhos.

Existe uma sensação visceral completamente diferente de viver no real ou no não-real. Dá para sentir isso fisicamente. Pode-se chamar isso de somatização. Viver no não-real tem um custo tremendo porque está fora da natureza da realidade. E viver no real permite outra alegria de viver. É por esta razão que quando a pessoa entende e sente a Teoria do Caos a vida muda. E um mundo novo se descortina. O véu se rasga.

Capítulo IV

A importância de ser capaz de soltar é definida em função do paradigma vigente no planeta. Como já explicamos, existem dois tipos de paradigmas: o paradigma real (da Realidade Última) e o não-real (o que ignora a RU). É evidente que estamos no não-real em vista de todos os problemas de todos os tipos que vivenciamos no planeta.

Quando o paradigma é não-real fica extremamente difícil soltar. Soltar é por essência a forma de ser de quem vive no paradigma real. Soltar vai contra tudo que é não-real. O paradigma não-real na prática não tem limites geográficos, nem culturais, nem econômicos, etc. Abrange a tudo e todos. Influi em tudo o que fazemos. É onipresente. Desde a hora que acordamos até dormir. De um jeito ou de outro, todos estamos imersos no não-real ou temos de conviver com ele em todas as áreas de nossas vidas. Na prática estamos submetidos à uma visão não-real da existência. Evidentemente isso cria inúmeros problemas em todas as áreas da vida.

Em termos históricos isso vem desde o tempo dos sumérios, que é a primeira civilização documentada historicamente. Está claro que isso vem de antes, mas só com as tabuas cuneiformes é que temos a documentação de como viviam. Desde o início tudo foi organizado de forma a vivermos no não-real. Isso foi fundamental para o status quo. Com o passar do tempo e o avanço da ciência isso ficou mais estratificado ainda com a separação entre ciência e religião. Agora existe uma explicação científica, mecanicista, materialista, cartesiana, para justificar a vida no não-real. Isto criou uma gigantesca dificuldade para se que se entenda que é possível viver no real. Teoricamente a visão mecanicista explica tudo e passa a ideia de que não há necessidade de saber mais nada, pesquisar ou pensar. Mesmo com o advento da Mecânica Quântica isso continua valendo. A interpretação exclusivamente fenomenológica da MQ impede a visão filosófica da mesma. Somente os efeitos práticos são utilizados. Só se estuda o fenômeno. A Realidade Última não interessa. Isso faz com que fiquemos presos dentro de uma visão de mundo que impede a solução dos problemas criados por esta mesma visão de mundo. Esta forma de ver a vida implica na criação de sofrimentos sem fim de todos os tipos imagináveis. E isso se perpetua a 6 mil anos pelo menos. Na prática essa visão de mundo não é questionada. O soltar não apenas questiona mas muda a forma de atuar em relação a tudo isso.

O fato desta visão não-real ser onipresente em todo o mundo permite moldar a realidade prática da forma que queiram os que tem essa visão não-real. Nada escapa ao âmbito de sua ação, pois uma visão de mundo interpenetra todas as áreas da vida. Nada fica fora da ação não-real. Por exemplo: toda atividade econômica está fundamentada nesta visão de mundo. Como isso é onipresente é muito difícil alguém perceber que está vivendo debaixo de um paradigma não-real. Nascemos e morremos dentro dele. Como uma criança pode perceber que não é real se praticamente todos se comportam como se fosse real? A criança

adotará o comportamento que se ajusta à visão predominante. É por isso que soltar é visto com perplexidade. É por isso que é preciso aprender a soltar, quando na verdade deveria isso ser ensinado desde a mais tenra infância.

É claro que essa visão não-real acarreta problemas espirituais inevitavelmente. A realidade é sustentada pela RU, pelo lado espiritual da vida. O lado espiritual são as outras dimensões da realidade. Dimensão no sentido de frequência vibracional. Cada dimensão vibra numa frequência específica, da mesma forma que as rádios e televisões por exemplo. Quando mudamos a frequência mudamos a estação de rádio que estamos ouvindo. Da mesma forma quando mudamos de frequência mudamos de dimensão física. Tudo está no mesmo lugar e o que muda é apenas a frequência. Acontece que este simples conceito é completamente ignorado pelo paradigma não-real. Antes que a ciência fenomenológica apresentasse seus argumentos vivíamos num mundo mais “perto” do real. Agora estamos numa era além daquela visão antiga em que pelo menos acreditava-se em deuses. Agora o que rege é o materialismo na prática. O que uma pessoa ou outra possa acreditar não muda a questão prática da vida, que é dirigida e organizada da forma não-real. Quando uma pessoa não sabe que crédito é dívida fica absolutamente claro o domínio do não-real na prática. Isto na prática chama-se condicionamento. Muitas vezes para a pessoa descobrir que está na visão não-real é preciso muita dor e sofrimento desnecessários. Mas, que são inevitáveis na visão não-real.

O simples fato de mostrar que crédito é dívida é uma forma de soltar o condicionamento. O que antes parecia monolítico já não parece tanto. Houve uma rachadura em todo o paradigma. É uma rachadura minúscula, mas já serve para fazer pensar e avaliar que soltar é a solução. Foram necessários 3 séculos para que isso acontecesse. Tal é a solidez da visão não-real na prática. O fato de isso ter acontecido envolve algumas reflexões. Isso foi espontâneo ou pensado? Isso foi fruto de uma intuição vinda do real? Isso é uma coisa que levará tempo para ser introjetada na vida diária? Qual o significado profundo desta mudança de visão? Quais as implicações práticas em termos de felicidade, alegria, realização pessoal isso tem? Isto muda a visão de mundo quando se analisa profundamente.

A visão não-real na prática sempre foi assim e todos sempre enxergaram desta forma. Tudo funciona dentro da visão não-real. É o que parece pelo menos já que sempre foi assim. É muito difícil pensar que poderia ser de outra forma. Mas, quando um simples conceito abstrato é visto de outra forma a vida pessoal pode começar a mudar. O soltar implica em rever os conceitos todos. Pelo menos passa-se a avaliar que soltar pode gerar mais felicidade do que não soltar. Só o fato de pensar no que é a realidade já é uma atitude de soltar. Isso que tenho diante dos meus olhos é só o que existe? Atrás deste véu existe outro mundo? O que é o tecido do espaço/tempo? Tudo isso começa com uma simples pergunta ou afirmação. Que fica germinando sem cessar.

É evidente que questionar a realidade é desconfortável. A zona de conforto existe para manter a visão no não-real. Tudo está assentado assim.

Subconscientemente a pessoa desconfia que fazer essas perguntas fará com que saia da zona de conforto. A consciência expandida nunca volta ao que era antes. A consciência alimenta-se de mais consciência. Acontece que a expansão da consciência por si só é prazerosa. Existe um tremendo prazer em simplesmente pensar. Toda pessoa que já passou 4 horas analisando um problema sem sair do lugar sabe disto. Sem se mexer, sem tomar café, sem falar, só pensando. Esta autoconsciência se expandindo é inerente ao universo. E provoca crescimento e evolução do próprio universo.

Capítulo V

Precisamos explicar o que significa paradigma real e não-real.

O paradigma real é o lado espiritual do universo. É o paradigma do Todo. É de onde tudo é emanado e sustenta tudo o mais. É a verdadeira realidade. O contrário é o paradigma não-real que é o paradigma materialista, reducionista e cartesiano. O não-real é a negação do Todo.

Existe uma diferença absoluta entre o real e o não-real. O paradigma real é a diversidade da vida em todos os sentidos, é a evolução pelo amor, a aceitação das diferenças de raça, cor e espécies de todo o universo. A imensa variedade de vida pelo universo a fora. Os astrônomos fizeram uma nova estimativa do número de galáxias no universo. Antes consideravam que deveria ter por volta de 200 bilhões de galáxias. Agora acreditam em 2 trilhões de galáxias. Imaginem o que significa isso em termos de culturas diferentes, espécies, civilizações, etc. No paradigma real não há necessidade de mitologia. Sabe-se exatamente como é a realidade. Onde o amor e a alegria conservam a vida e a expandem sem cessar.

No paradigma não-real nega-se tudo isso. Elimina-se a liberdade, a evolução, a diversidade, etc. E na negação é onde os problemas são criados e não tem solução. O paradigma não-real quer a perpetuação de si mesmo. É onde todas as mitologias são criadas para a própria subsistência do não-real.

Também poderia dizer-se: "Conhecereis o real e o real vos libertará".

Capítulo VI

A vida plena exige determinadas condições para frutificar. O paradigma real (do Todo) fornece estas condições. O paradigma não-real (negação do Todo) quer impedir estas condições ideais de vida.

A simbologia usada pelo paradigma não-real parece inocente e é praticamente ignorada. A questão aqui é que não existe simbologia que não esteja imbuída de determinado sistema de valores e transmitindo energia polarizada negativa ou positiva. Acontece que no dia a dia esta simbologia é considerada como sem importância. Usa-se a simbologia sem considerar o alcance dela na manutenção do não-real. Pensa-se: que diferença faz usar tal símbolo ou não? Parece não ter nenhuma importância prática. Na verdade, a mínima atitude de soltar um símbolo é de extrema importância para a evolução do paradigma. É no detalhe, nas mínimas atitudes que o paradigma pode mudar. As pessoas mais simples podem ter um impacto enorme no paradigma. Quando a dois mil anos começaram a usar um peixe como símbolo isso mudou o mundo. Talvez alguns pensassem naquela época que não havia nenhuma importância em usar um peixe como símbolo. Todo símbolo transmite energia e toda energia muda outra energia. Desta forma quando alguém se recusa a usar um símbolo do paradigma não-real isso está provocando uma mudança de paradigma. Pode parecer que levará muito tempo, mas isso depende de outros fatores. A mudança pode ser muito rápida. A dinâmica do Caos mostra isso. E a Teoria das Estruturas Dissipativas de Prigogine (Nobel de Química) também.

O ideal de vida está nos símbolos que usamos. Tudo que fazemos transmite uma mensagem sobre nosso paradigma para os demais. É por isso que o bater das asas da borboleta provoca um furacão. Toda atitude condizente com o paradigma real tem um efeito cumulativo. Toda atitude é importante. Até a da pessoa mais simples que viva neste planeta.

Todo símbolo tem um significado superficial e outro profundo. Normalmente é usado o significado superficial para passar o significado profundo. Desta forma não se percebe o que se pretende passar com o uso do símbolo. É uma maneira de disfarçar a mensagem, embora o inconsciente do outro entenda o que se quer passar. Caso o significado profundo fosse utilizado abertamente haveria uma reação inconsciente de resistência ao que se está passando. É por esta razão que os símbolos parecem tão inocentes e sem importância. Embora seja exatamente o contrário. Na medida em que a percepção da realidade aumentar o significado profundo será entendido. Isso foi dito quando se falou: "Quem tem olhos, veja!".

Capítulo VII

No paradigma não-real (negação do Todo) os símbolos têm extrema importância para a manutenção do próprio paradigma, mas isso não pode ser percebido desta forma. É necessária uma visão de mundo coletiva com ideias que sustentem o paradigma não-real. Essas ideias são uma cortina de fumaça que evita que o paradigma não-real seja visto como ele realmente é.

Essas ideias criam uma maneira de interagir dentro do paradigma não-real e isso facilita para que se haja de forma não-real. Desta forma evita-se o paradigma real sem nem perceber que se está fazendo isso. Como que não se percebe o paradigma não-real? Ensinado um determinado paradigma a consciência interpretará a realidade de acordo com os parâmetros deste paradigma. É nesse ponto que o ego é importante para o paradigma não-real. Assim a intuição é desprezada ou racionalizada. Isso facilita que não se perceba, entenda e aceite a troca de paradigma não-real pelo real. Até que haja uma fissura nas atitudes dentro do paradigma não-real. Se uma pessoa não usa o símbolo a rachadura começa. Por isso é tão importante que todos compartilhem dos mesmos símbolos e das mesmas ideias. Lembrar que as ideias mantêm o paradigma não-real funcionando.

Desta forma tudo pode continuar indefinidamente como foi projetado que deveria ser. As ideias justificam todos os comportamentos que mantêm o paradigma não-real funcionando. Desde o nível mais inferior até o mais superior. Quando estas ideias estão sendo seguidas há uma desculpa para que tudo continue normalmente dentro do paradigma não-real.

As ideias são praticamente onipresentes na vida de todos dentro do paradigma não-real. Permitindo que tudo possa ter um significado invertido. E isso é fundamental para o funcionamento do paradigma não-real. A questão aqui que importa para o paradigma não-real é que todos hajam como se estivessem dentro do paradigma não-real. É esta atitude que mantêm o paradigma não-real funcionando.

Capítulo VIII

É evidente que na vida pratica a vivência do paradigma não-real (negação do Todo) implica em ir contra tudo que é real. Desta forma é muito difícil viver num mundo em que a realidade do Todo é negada. E tudo que o Todo quer que seja vivido seja negado. É um mundo que vai contra tudo que trará felicidade, prosperidade, abundância, etc. Tudo que é Bom é negado. É a verdadeira Matrix em andamento. Ao longo da história temos infinitos exemplos da aplicação deste paradigma não-real. Com todas as mazelas ocorridas em decorrência. Viver no não-real é absolutamente não viver.

Está claro que o paradigma não-real vai contra tudo que seria a vida real. As palavras são uma coisa e os fatos outra. Sobreviver significa jogar o jogo do não-real. Quando isso não é feito a própria sobrevivência está em risco. Apesar de que mesmo jogando o jogo a sobrevivência está em risco. Mas, o paradigma não-real não deixa alternativas. Ou ele é aceito ou a rejeição é considerada um risco inaceitável pelo paradigma não-real. Desta forma durante todo o tempo existem procedimentos que todos devem cumprir para mostrar que estão dentro do paradigma não-real. A vida na prática está permeada destes procedimentos diários de confirmação do paradigma não-real.

As ideias são introduzidas em todos que participam do paradigma não-real. Até o ponto em que são introjetadas e passam a fazer parte intrínseca da visão de mundo. Desta forma não é necessária nenhuma intervenção externa. Acredita-se nas próprias ideias introjetadas. Esta é a perfeição do paradigma não-real. Passa-se a acreditar que o não-real é real. Todas essas ideias reunidas formam um conjunto de sustentação do paradigma não-real. É por esta razão que soltar é tão difícil de entender e aplicar. Soltar está completamente fora do paradigma não-real. Para que o paradigma não-real possa funcionar perfeitamente é preciso não soltar. A solidez do conjunto está garantida quando o não soltar prevalece. Qualquer ideia que mostre que o soltar é o correto é banida como heresia e deve ser suprimida de todas as formas. A simples aceitação do soltar implica numa implosão do paradigma. Sendo assim o soltar nunca será aceito pelo paradigma não-real. Por isso o soltar tem de ser algo interno.

As ideias primordiais de Platão fazem parte do paradigma real. As ideias do paradigma não-real criam um mundo não-real. A caverna de Platão. O mundo que está diante dos seus olhos, mas que não é real. Essas ideias fazem o paradigma não-real afastar-se cada vez mais do real. E esta é exatamente a função das ideias. Desta forma o real desaparece da visão de mundo e um mundo de aparência surge em seu lugar.

Capítulo IX

Foi publicado um excelente artigo sobre motivação:

<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/the-international-new-york-times/2016/10/30/o-que-trump-e-marx-tem-em-comum.htm>

A matéria acima permite avaliar e entender o que é soltar. Embora a abordagem da matéria seja sobre a ira. De qualquer forma ajuda a explicar que o que Martin Luther King fez foi soltar os ônibus em Atlanta. Não andar nos ônibus segregados foi o que fez tudo mudar. Ele soltou os ônibus. É diferente de resolver pela ira.

Da mesma maneira o Muro de Berlin caiu porque as pessoas soltaram. Enquanto se põe resistência a algo existe apego. Quando não há mais resistência alguma é que se soltou. E então tudo é resolvido. Colocar pressão, ansiedade, força, para resolver algo não funciona. Só aumenta a resistência.

A única solução que existe é “estar no mundo, mas não ser do mundo”. Isto é muito difícil de entender e ainda mais de aplicar. Mas, é a única solução.

Capítulo X

As ideias do paradigma não-real (contra o Todo) aos poucos tomam uma forma e influência que pretendem substituir o paradigma real. Essas ideias passam a existir por si sós e são extremamente importantes dentro do paradigma não-real. É assim que um mundo não-real é criado e mantido independentemente da realidade objetiva. Até que a realidade objetiva se imponha através da Teoria do Caos.

Quando um ser se recusa a fazer qualquer coisa na vida é evidente que está dentro do paradigma não-real. A recusa em viver a vida real é o sintoma típico da alienação total em relação ao paradigma real. É por esta razão que acham as ideias do paradigma real confusas. Embora a simplicidade do paradigma real seja extrema.

É desta forma que o paradigma não-real vive das próprias ideias de não realidade. É uma simbiose em que um depende do outro. Exatamente como o Ouroboros. Toda a construção do paradigma não-real e sua continuidade depende dessas ideias. Por mais que elas estejam fora da realidade objetiva. Na prática é uma ilha da fantasia absoluta. Mas, como toda ilha da fantasia mais cedo ou mais tarde a realidade se imporá. Ou se trabalha na construção ou na destruição. Não existe outra alternativa. Ou faz parte da solução ou do problema. Se está na destruição ou inércia a carência dos recursos objetivos se imporá em pouco tempo. É nesse ponto em que a solução pode aparecer, mas é preciso humildade para admitir que o paradigma não-real não funciona. Pelo livre arbítrio é possível persistir no não-real por muito tempo.

As ideias do paradigma não-real precisam impor uma ritualística que pretende confirmar por si só a legitimidade do paradigma não-real. Toda essa imponência dá uma falsa ideia de que seja real. Toda a continuidade do paradigma não-real depende da aceitação desta ritualística. A imagética é fundamental para sensibilizar os sentidos e fazer a mente acreditar no paradigma não-real. A simbologia aqui é extremamente importante.

As transições de estado dentro do paradigma não-real envolvem sempre grandes perigos e tensão. Faz parte intrínseca do paradigma não-real que seja assim. É uma luta titânica pelo controle do paradigma não-real. De qualquer forma a transição só pode ocorrer dentro do contexto das ideias que fundamentam o paradigma não-real. Isto é absolutamente claro e faz parte do jogo. O jogo só pode ser jogado dentro das ideias do paradigma não-real. A questão é que esse engessamento da realidade tem consequências inevitáveis. E neste ponto a Centelha Divina tem forçosamente de ser suprimida o máximo possível. Ela não pode interferir de forma alguma, pois caso contrário o paradigma não-real desapareceria.

Capítulo XI

Para acabar com a segregação racial nos ônibus o que Martin Luther King fez? Pararam de andar de ônibus. Soltaram os ônibus. Qualquer que seja a situação a coisa mais poderosa que se pode fazer é soltar.

O universo tem um fluxo de energia que faz com que tudo ande da melhor maneira possível se não houver interferência. A interferência é colocar pressão, ansiedade, força, resistência, etc. Interferir no fluxo natural das coisas.

Quanto mais se coloca pressão para ter resultados, sejam quais forem, menor o resultado e pior também. O universo já tem um crescimento acelerado em todos os sentidos e acima de tudo é harmônico.

Nesta série estamos explicando a ciência por trás do soltar. O porque soltar funciona. Não existe maior poder que isso. Porém, é preciso analisar para poder entender como aplicar o soltar em qualquer situação. É uma arte. A técnica é fácil de entender, mas a aplicação exige um refinamento de consciência para chegar no ponto certo. O ponto do "estado da arte" do soltar. O desapego total. O que Buda explicou pode mudar qualquer situação, resolver qualquer problema, etc. Buda vivenciou isso quando ele sentou debaixo da árvore e soltou o mundo. Depois de fazer um esforço monumental ele soltou o mundo. Nesse momento houve a iluminação. Quando ele se entregou, se rendeu. Isso não quer dizer não fazer nada. É exatamente o contrário. É a maior ação que uma pessoa pode fazer. A ação através da não-ação. O Taoismo puro. Fazer e soltar. O resultado virá o mais depressa possível. Fazer o máximo que puder e soltar. Deixar o universo resolver o que é preciso da melhor maneira possível.

Soltar envolve paciência para esperar de uma forma proativa. Continuar fazendo e soltando. Exatamente como aprender uma língua. Estudar e soltar. Um dia o subconsciente falará aquela língua. No momento certo.

Soltar é uma coisa que está disponível para qualquer pessoa. Independentemente de qualquer condição. Todos os problemas seriam resolvidos se isso fosse entendido. Tanto nesta dimensão como em qualquer outra. Se tem uma coisa que vale apenas aprender na vida é o soltar. Todas as crianças deveriam aprender isso o quanto antes.

Quantas economias estão estagnadas no mundo hoje? Décadas perdidas por absoluta falta de vontade de fazer o que tem de ser feito. Pura zona de conforto. Continuam fazendo o que não funciona, mas não mudam. A zona de conforto é a resistência ao soltar. Sair da zona de conforto e fazer mais é soltar. Soltar a zona de conforto e enfrentar o que tem de ser feito. Isso é soltar. As dívidas também estão neste contexto. Quantas dívidas são feitas porque não se solta? Se algo não funciona não adianta fazer dívidas para continuar fazendo o mesmo. Se soltassem aquela visão de mundo que não funciona o problema estaria resolvido. Continuar pensando em dívidas é não soltar. Soltar a dívida é pensar

em ganhar e agir. Basta analisar cada problema ou objetivo que dá para ver o que é preciso soltar. A questão é fazer o que tem de ser feito.

Capítulo XII

Em última instância existem duas formas de resolver os problemas: uma pela competição “jogando o jogo do mundo” e a outra é soltar o mundo. Isto é, estar no mundo, mas não ser do mundo. São completamente diferentes e antagônicas. E misturar as duas coisas não funciona.

Querer competir soltando não funciona porque para soltar é preciso que seja “do fundo do coração”. Tem de ser totalmente sincero nisso. Quando se solta é porque não há apego. Soltar não pode ser usado como técnica. Tem de ser uma filosofia de vida. A competição implica em estar dentro da matrix com todas as consequências que isso traz. As regras são as da matrix e as consequências também. Na prática significa competir com outros 7 bilhões de habitantes. É uma situação muito complicada e difícil. Porque na competição pura e simples o que vence é o que destrói. A história da humanidade está repleta destes exemplos. O que fundou um império foi o que mais destruiu e assumiu o poder. Assumir o poder é considerado como sucesso. Vejam a história a partir dos sumérios e todos os impérios que vieram depois. O foco foi sempre na destruição, pois os impérios foram construídos a partir de guerras vencidas pelo que mais destruiu. É lógico!

O soltar é o contrário disso. É atuar de acordo com o fluxo do universo. Nunca impor nada. Deixar o fluxo seguir sem interferência, sem ansiedade, sem pressão, sem força, etc. Fazer o que é necessário trabalhando, estudando, construindo e esperar os resultados que virão inevitavelmente. Esta é a maior ação que a pessoa pode fazer. Nunca forçar nada.

Conciliar essas duas formas de ver o mundo é impossível. Fica-se preso numa tensão sem solução. Num dilema eterno entre forçar os acontecimentos e não forçar. Fazer acontecer pela força ou deixar acontecer naturalmente. E essa distinção de atitude é pelo sentimento. E o universo sabe o que a pessoa está sentindo e age em função disso. É por isso que quando se põe força a coisa fica muito difícil de acontecer e tem consequências ruins. O universo sabe se a pessoa soltou ou não. É por esta razão que o dilema entre forçar e soltar paralisa tudo. Somente quando soltar “de coração” é que as coisas fluirão como devem ser.

Compreender isso é da mais alta importância e deveria ser a prioridade absoluta.

Capítulo XIII

Vejam os a seguinte situação. A pessoa sente que tem competição dentro da família, no trânsito compete com outros motoristas, no metrô ou ônibus compete para sentar, na empresa compete pela posição, pelo lugar, por uma cadeira, mesa, etc. Quando a pessoa pensa em soltar ou fazer isso parece estar totalmente deslocada porque ninguém pensa ou age assim. Sente-se sozinha fazendo isso porque não conhece ninguém que solte.

Soltar é uma atitude que só é sentida como a coisa certa a fazer quando há uma ligação direta com o Todo, quando há unificação com o Todo. Então a pessoa sente o fluxo que há entre ela e o Todo. Sente que não está só porque o Todo tem um canal de comunicação contínuo e direto com ela. E sendo assim acontece exatamente o soltar perfeito. Quando a intuição diz para soltar e a pessoa solta e tudo funciona perfeitamente. Não há falta nem escassez porque soltou. O soltar é o fluxo da abundância em ação. Porque o Todo nunca se dá por vencido em generosidade. Quanto mais a pessoa solta mais vem. Mas, isso só acontece quando se solta em primeiro lugar. Sem fazer negócio com o Todo. O soltar perfeito é uma rendição à vontade do Todo. Por isso é tão difícil de fazer. Uma rendição do ego que se coloca à serviço do Todo.

Esta é a razão de parecer que se está falando “grego” quando se fala de soltar. Porque é tão difícil entender o conceito? E ainda mais aplica-lo? Porque é preciso primeiro esta rendição do ego. Rendição incondicional. O Todo decide o que for melhor. E está bom assim. E neste ponto é preciso deixar claro uma coisa: todos os seres do universo tem de passar e passam por esta decisão. Não importa o nível de iluminação, de poder, de emanção, de prioridade na criação, desde o primeiro ser emanado até todos que estão sendo emanados agora e serão no futuro, todos se veem com este dilema existencial. É preciso aceitar o Todo e render-se ao Todo. E isso acontece todos os dias, todos os minutos, todos os segundos de existência do ser emanado. No passado, presente e futuro. A decisão de render-se é contínua o tempo todo. Pois, o ego nunca deixa de existir. E o ego tem de optar sempre.

Capítulo XIV

A dissonância cognitiva de 90% das vezes em que se fala do soltar acontece por causa do ego (Complexo-R, cérebro reptiliano) que não quer entender o significado e as consequências de soltar. É exatamente a mesma coisa em relação ao versículo “buscai primeiro o Reino dos Céus e tudo o mais vos será acrescentado”.

Se a pessoa não coloca a Centelha Divina em primeiro lugar como prioridade máxima na vida é virtualmente impossível soltar. O soltar é uma função da Centelha Divina. O desapego é uma coisa que vai totalmente contra o que o ego quer. O ego quer bens materiais, bem-estar, estabilidade, segurança, zona de conforto, conseguir, conquistar, território, poder, posses, etc. Como o ego entenderá que não pode conseguir isso tudo sem soltar?

Lembram-se da palestra em que foi dito que para ser um cocriador consciente é preciso ser um Buda? Somente no estado búdico é que é possível cocriar. Porque o cocriar não é uma função do ego. É uma função da Centelha Divina. É ela que cria e cocria.

Quem faz o colapso da função de onda? É a Centelha Divina que faz. Somente o Criador tem o poder de fazer com que o elétron se comporte de determinada maneira. E é por isso que é muito difícil entender e aceitar isso. Todas as escolhas que são para o bem de todos, para construir, ajudar, crescer, evoluir, são funções da Centelha Divina. Basta ceder o comando para a Centelha Divina que tudo no devido tempo terá solução. Falo no devido tempo porque existe o carma criado pelas ações passadas. Este carma tem de ser resolvido, equacionado, liberado, pago, etc. O que foi semeado tem de ser colhido. No site História Revisitada listarei alguns livros que ajudarão a esclarecer o que é carma, o que foi a história da humanidade, o carma que criaram, etc. Essa história por mais distante que esteja no tempo continua tendo consequências até hoje. Para entender o que acontece hoje na humanidade é preciso estudar a história desde os sumérios detalhadamente. Todas as atrocidades, destruição e crueldades que foram feitas. Não é uma leitura para pessoas sensíveis. A crueldade humana não tem limites. Mas, é extremamente instrutivo conhecer a história. Assim pode se entender o presente e o que vem pelo futuro.

Desde o começo da história os humanos poderiam ter soltado. Mas, isso sempre foi deixado de lado. É claro que essa é uma mensagem muito desconfortável. Desapego não é uma coisa popular. Ainda mais porque o desapego só funciona se for autêntico. Não pode ser uma tática ou técnica esotérica para conseguir coisas. É preciso desapegar-se realmente. É a mesma coisa que rendição. Render-se ao Todo. Mas, isso é uma coisa muito forte e difícil para o ego. Praticamente impossível. É por essa razão que se fala que ou vai por amor ou vai pela dor. Vai pela dor depois de um sofrimento horrível. Não é necessário isso, mas como o ser não se rende só sobra uma alternativa. E a

Teoria do Caos faz com que isso aconteça, mais cedo ou mais tarde. A mesma coisa acontece com a Alquimia. É exatamente o mesmo trabalho. Por isso foi codificada tão fortemente. Porque a mensagem era muito difícil de ser aceita. Toda a Alquimia é um trabalho de soltar tudo. Basta ter olhos de ver para entender os textos. Entender o significado oculto dos textos alquímicos.

Portanto, buscar o Reino dos Céus em primeiro lugar é desapegar. É mudar completamente a visão de mundo, a filosofia de vida e ajudar o máximo possível de todas as formas possíveis o tempo todo. Trabalhar, estudar e ajudar sem parar. Porém, para fazer isso é preciso que seja a Centelha Divina fazendo isso. Senão as reclamações serão inevitáveis. Se a pessoa soltar e começar a reclamar que não tem isso ou aquilo, que perdeu o emprego, que não consegue emprego, etc., de nada adiantou soltar. Não pode haver reclamação, nem ressentimento, nem dúvida. Ou se solta de verdade ou não é soltar. O desapego tem de ser real. Por isso, é preciso pensar e analisar muito para chegar no ponto de soltar. E é por isso que é tão difícil de entender o soltar. Somente depois de soltar realmente é que o que for melhor acontecerá. E o melhor não é o que o ego quer. Soltar a casa pensando que depois virá uma casa maior não é soltar. É apego. Soltar de verdade é sentir que é irrelevante se tem casa ou não. Se tem ótimo, se não tem ótimo. É isso que está explicado em todos os textos e livros taoistas. Deixar o fluxo da vida seguir como tem de ser. Esta é a ação através da não-ação. É trabalhar, estudar e ajudar o tempo todo sem cobrar resultados, sem esperar resultados, sem querer nada em troca. Sentir alegria de servir ao Pai e pronto. Só isso basta. Qualquer outra atitude é querer fazer negócio com o Todo. E isso é impossível.

Será que é possível sentir o Todo na própria vida? É possível, mas é preciso deixar o ego de lado. O ego não quer ouvir falar do Todo. A mensagem do Todo é antagônica ao ego, mas é a única que pode trazer realização ao ego. Para que o ego possa fazer o que tem de fazer é preciso abdicar de querer isso. O ego tem de abdicar das suas pretensões. Não tem condições. Não há meio termo. Ou a Centelha Divina assume ou o ego continua no comando. E o resultado do ego é a competição total. Exatamente como é desde os sumérios.

A única coisa que se precisa fazer para ser feliz na vida é deixar a Centelha Divina assumir a própria vida. É fazer a vontade do Todo. O Todo falará pela intuição o que deve ser feito. Deve-se separar a intuição verdadeira do que é racionalização do ego. Que é quando o ego imagina todo tipo de argumentos para justificar uma atitude. Lembrar do versículo: "os meus pensamentos não são os seus pensamentos". Os pensamentos do Todo só podem ser entendidos pela Centelha Divina, que é o próprio Todo. É por esta razão que entregar a vida para a Centelha Divina é a mesma coisa que entregar para o Todo. Porque são a mesma coisa. Mas, isso vai contra a vontade do ego inevitavelmente. O aprendizado durante as inúmeras encarnações é para aprender a soltar. Encarna-se para aprender a soltar. Encarna-se nos mais variados planetas para vivenciar todo tipo de situação e ver se realmente soltou. Existem infinitas

moradas na casa do Pai. Desde as mais primitivas até as mais sublimes civilizações.

A única opção que existe é deixar a Centelha Divina assumir a própria vida.

Capítulo XV

Mesmo quando não há necessidade de divulgar que foi feita a opção pelo paradigma não-real (contra o Todo) isso é feito. Sabe-se que isso é ignorado, mas mesmo assim é feito. Pois, é muito complicado deixar de reafirmar constantemente a opção pelo não-real.

Soltar é a melhor opção que existe, mas saberem que se solta é outra história. É por isso que é reafirmado constantemente que não se solta. E soltar é visto como uma coisa esquisita. Uma excentricidade. E enquanto é visto como uma excentricidade está bom.

Esta reafirmação do não-real parece que é desnecessária, mas não é. Porque é uma coisa generalizada e sendo assim faz parte da vida normal. Negando o real está dentro da normalidade. E esta negação faz com que tudo funcione como sempre funcionou nestes 6 mil anos.

É como um baile de máscaras em que todos vão mascarados. Está tudo normal. Mas, se alguém não vai de máscara todos percebem que há algo errado. Para que tudo continue funcionando é preciso ir de máscara. Por isso sempre houve muito sucesso com os bailes de máscaras.

Todos os que optam pelo não-real fazem o mesmo procedimento e assim isso passa completamente despercebido como se fosse uma segunda natureza. É o normal. A história está repleta do mesmo procedimento. Por isso ler história é da mais alta importância para quem está no paradigma real.

É por isso que se diz que a história se repete. Porque para não repetir a história é preciso conhecer a história.

Apesar de tudo isso o soltar continua válido como sempre foi e eficiente como sempre foi. Para os que querem solução e eficiência em qualquer coisa o soltar é indispensável. Soltar em todas as situações e condições.

Capítulo XVI

A divulgação do paradigma não-real (contrário ao Todo) é onipresente, embora quase ninguém perceba isso. É uma coisa que passa despercebida e este é o objetivo na prática. Há uma incorporação inconsciente deste paradigma. Que está introjetado passando a parecer a coisa mais normal do mundo. Desta forma tudo parece normal. Fazendo desta forma a participação da maioria se torna a normalidade. Cria um sentimento de fazer parte de algo; exatamente como o instinto gregário faz. A individualidade está comprometida, mas isso não parece importar. Desta forma a aparente solidez do paradigma é mantida pelo instinto gregário. Existe um fio sutil ligando todos que participam da manutenção do paradigma. Isso cria uma situação em que caso uma pessoa pense em pensar diferente do paradigma sente como se isso fosse contra seus próprios interesses! Nesse ponto a dissonância cognitiva é tamanha que até a própria pessoa não percebe que está fazendo isso.

Desta forma o paradigma não-real enredou a todos que consentem com esta visão de mundo. É somente uma questão de grau a que ponto a auto dissonância cognitiva chegou. Quando chega neste ponto a possibilidade de soltar é quase nula. Já que nem se consegue perceber o que é soltar. O soltar passa a ser uma coisa anormal e contrário aos próprios interesses do ser. É uma filosofia de vida ser contrário ao Todo. Cada nó desta rede imensa faz parte da sustentação da rede.

O fato de que tal paradigma possa existir é uma coisa que está descrita em toda a história da humanidade. Desde os primórdios esse paradigma foi considerado normal e aceito pela maioria. É por esta razão que é tão fácil a duplicação deste tipo de coisa em qualquer lugar da Terra. Na verdade, a história é esta em todos os lugares com raríssimas exceções. O “normal” é o paradigma não-real. A tal ponto que qualquer explicação de que isso não é normal não é entendida. O instinto gregário permite que isso aconteça. Evidentemente que isso é uma distorção, mas na prática é o que aconteceu. Quando a voz interior que procura o melhor em todos os aspectos emana uma luz de compreensão para que se entenda o soltar e o paradigma real, há uma reação imediata contrária. Isso pode ser facilmente visto numa interpretação de texto que fale sobre o soltar. A distorção acontece imediatamente impedindo que se entenda exatamente o que está dito.

Existe dentro de cada ser uma força inata que procura a felicidade autêntica custe o que custar. Porém, também existe uma contra força que distorce e procura fazer com que seja normal agir de forma contrária. São as racionalizações que criam argumentos em favor do não-real. Isto implica num conflito interno que traz psicossomatizações inevitáveis. A opção pelo real ou não-real tem de ser feita de qualquer forma. A racionalização disto em larga escala levará ao “deserto do real”.

Capítulo XVII

Porém, suponhamos que alguém resolva soltar. A coisa mais imponderável aconteceu. Todos à volta ficam perplexos com a mudança. Soltar faz com que tenham de repensar tudo e isso tem consequências. Pode-se perder todo o status quo adquirido com muito esforço. A incompreensão é generalizada. Aham que a pessoa ficou louca. Está no mundo, mas não é mais do mundo. Agora está livre para trabalhar, estudar e ajudar. Agora pode usar todo o potencial de vida que recebeu ao nascer.

O soltar muda totalmente as regras do jogo, pois a pessoa sai do jogo. O jogo implica em trabalhar até certo ponto, em estudar até certo ponto e ajudar até certo ponto. Implica em não entrar nos problemas alheios, em transferir os problemas para outros resolverem, em ignorar os problemas, em fugir da realidade, etc. O jogo mantém tudo funcionando porque mantém o paradigma não-real no mundo.

Quando alguém sai do paradigma não-real ele afeta o mundo todo, mesmo que não perceba isso. E isso pode ser feito onde cada um está no momento. Não há necessidade de mudar de vida, de local, de trabalho, de relacionamento, etc. É justamente onde se está que se é necessário. É a semente de mostarda em cada local no mundo. Mostrar pelo exemplo sem alarde nem propaganda. Sem ego, sem esperar recompensa, sem esperar nada. Apenas fazer o que tem de ser feito. Esta é a força do soltar em cada lugar em que haja um ser humano no planeta. Uma pequena porcentagem muda tudo. Sem fazer alarde de que mudou.

Há dois mil anos quando se perguntava como se identificar os cristãos a resposta era: veja como se amam. Quando Buda soltou estava sentado embaixo de uma árvore. Sócrates soltou quando não quis prejudicar ninguém. Lao Tsé soltou quando escreveu o Tao Te King. Soltar é uma atitude interna invisível para os demais. Na prática ninguém percebe quem solta. Somente pelas atitudes se pode perceber. Não há apego, nem busca de aprovação, nem nada que a prenda aqui, mas a pessoa continua trabalhando, estudando e ajudando. E esta é a questão que provoca a perplexidade. Um eremita que solta ninguém vê, mas alguém dentro de uma civilização fazer isso é profundamente transformador.

Evidentemente que isso deve ser feito com plena consciência das consequências. Isso não pode ser feito como uma tática. Isso tem de ser de dentro do coração. Ser real. Pois, a oposição será ferrenha. E se isso for feito sem convicção não durará nem dez minutos. O paradigma não-real não suporta o paradigma real. Não se deve ter nenhuma ilusão quanto a isto.

Capítulo XVIII

O filme “The Admiral: Roaring Currents” mostra a guerra entre o Japão e a China em 1597 e como o Almirante Yi Sun-Shin comandou a luta naval com 12 navios contra 330 dos japoneses. É um filme de guerra, mas mostra a questão filosófica.

Como foi possível enfrentar com tal disparidade de forças?

Como vencer o medo?

Como transformar o medo em coragem?

Sua estratégia mostra o extremo valor que tem o soltar. Tanto na guerra como em qualquer outra atividade o poder de soltar é insuperável.

